



JUNTES **VAMOS COMBATER** A
LGBTQIAfobia
NO **SERVIÇO PÚBLICO**



REALIZAÇÃO:

CONFETAM
CONFEDERAÇÃO DOS(A)S TRABALHADORES(A)S NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

APOIO:

CUT
BRASIL

PSI

INTERNACIONAL DE
SERVIÇOS PÚBLICOS





APRESENTAÇÃO

Bem-vindos(as) à cartilha "Juntas vamos combater a LGBTQIAfobia no serviço público"! Elaborada pelo Coletivo LGBTQIA+ da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal (Confetam/CUT), esta é uma ferramenta essencial para promover a igualdade, o respeito e a inclusão no ambiente de trabalho.

A diversidade é um dos pilares fundamentais de uma sociedade justa e progressista. Reconhecemos e valorizamos a multiplicidade de expressões e identidades de gênero que compõem a sigla LGBTQIA+, abrangendo lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e outras vivências únicas.

Infelizmente, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, a discriminação e a violência baseadas na orientação sexual e identidade de gênero ainda persistem em nossa sociedade. É por isso que, enquanto Coletivo LGBTQIA+ da Confetam/CUT, nos dedicamos a combater a LGBTfobia no serviço público.

Neste material, abordaremos conceitos fundamentais sobre a diversidade de gênero, direitos LGBTQIA+, exemplos de situações discriminatórias que podem ocorrer no ambiente de trabalho e como enfrentá-las de forma efetiva. Também apresentaremos estratégias para promover a conscientização, a sensibilização e a capacitação dos servidores públicos, bem como sugestões para a implementação de políticas inclusivas.

Vamos combater a LGBTfobia no serviço público, juntando forças, compartilhando conhecimentos e promovendo a igualdade para todas e todos.

NO BRASIL, SER LGBTQIA+ É SENTENÇA DE MORTE

Segundo dados coletados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2022, 256 pessoas do grupo LGBTQIA+ foram assassinadas ou cometeram suicídio a cada 34 horas no país. Os dados mostram 242 homicídios e 14 suicídios no ano passado, número inferior ao de 2021, quando foram identificadas 316 mortes.

A região Nordeste é a mais inóspita, com 43,3% das mortes, ou 111 casos no ano passado. Se considerada a média nacional de 0,13 mortes por 100 mil habitantes, as regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste registram o dobro da violência, com médias acima de 0,2. Na comparação por 100 mil habitantes, Sul e Sudeste se situam abaixo da média, com 0,5 e 0,7 mortes violentas, respectivamente.

Entre os estados, a Bahia ocupa a primeira posição em números absolutos, com 27 mortes, ou 10,54% do total. A seguir estão São Paulo (25), Pernambuco (20) e Minas Gerais (18).

O levantamento mostra ainda que 155 municípios brasileiros registraram ao menos uma morte violenta de LGBTQIA+ no ano passado.

O levantamento indica que gays foram 52% das vítimas, seguidos pelo grupo formado por travestis e transsexuais, com 42,96%. A maioria das mortes foi de pessoas jovens, com idade entre 18 e 29 anos (43,7%). O GGB chama atenção que travestis, transexuais e transgêneros são assassinadas antes de completar 40 anos: das 110 vítimas, 83% morreram entre os 15 e 39 anos.

O QUE É LGBTQIAFOBIA?



A LGBTQIAfobia refere-se à discriminação, aversão, preconceito e violência direcionados às pessoas com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero. O termo engloba diferentes formas de opressão e hostilidade direcionadas às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras expressões e identidades de gênero.

A LGBTQIAfobia manifesta-se de diversas maneiras, incluindo agressões verbais, físicas, psicológicas e sexuais, além de exclusão social, marginalização, estigmatização e negação de direitos básicos. Essas atitudes e comportamentos discriminatórios são injustos, desumanos e violam os princípios fundamentais de igualdade e dignidade para todas as pessoas.

A luta contra a LGBTQfobia busca garantir o pleno reconhecimento dos direitos humanos e a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Envolve a promoção da conscientização, educação, legislação antidiscriminatória, políticas inclusivas e a construção de ambientes seguros e acolhedores para a comunidade LGBTQIA+.

Combater a LGBTQIAfobia é essencial para a construção de uma sociedade justa, plural e respeitosa, onde todas as pessoas possam viver com dignidade, sem medo de serem discriminadas ou marginalizadas por sua identidade de gênero ou orientação sexual.

PRINCIPAIS CONDUTAS LGBTQIAFÓBICAS



Expulsar filhos/as LGBTQIA+ de casa

Mandar um filho para fora de casa pela orientação sexual ou identidade de gênero é direito da família, certo? Errado! Se uma pessoa for expulsa do próprio lar simplesmente por ser LGBTQIA+, indiscutivelmente é crime.



Proibir o uso do banheiro conforme identidade de gênero

Impedir alguém de usar o banheiro conforme sua identidade de gênero é crime. Não importa se a proibição aconteceu em um estabelecimento comercial, na escola, no trabalho ou em prédios públicos. Em todos os casos, quem impedir uma pessoa trans de usar o banheiro estará praticando LGBTQIAfobia no Brasil.

Negar a venda de um produto ou serviço



Outro exemplo de crime de LGBTQIAfobia no Brasil é quando estabelecimentos comerciais se negam a atender o consumidor. Empresas não podem se recusar a vender um produto ou prestar um serviço para alguém apenas porque é uma pessoa LGBTQIA+.



Discurso de ódio (principalmente na internet)

Discurso de ódio não é liberdade de expressão. Nada justifica os ataques à sexualidade ou identidade de gênero. Internet não é terra sem lei. LGBTQIAfobia e injúria LGBTQIAfóbica são crimes, tanto pessoalmente quanto on-line. Evite discutir com o agressor e junte evidências desde o início, para depois poder denunciar. Na cadeia não tem Twitter! Não deixe criminosos impunes.

Expulsar do transporte público

Por incrível que pareça, em pleno século 21, isso ainda acontece muito. Não importa se a expulsão ocorreu dentro do ônibus, metrô, avião ou carro de aplicativo. Em todas as hipóteses é crime, pois pessoas LGBTQIA+ têm o direito de usar o transporte se pagaram para isso.

Tirar um LGBTQIA+ do armário à força também é LGBTQIAfobi

Só o indivíduo sabe sobre sua dor, o ambiente onde vive e as consequências de se assumir LGBTQIA+. Por isso, desrespeitar a privacidade pode trazer risco e desconforto. E é crime! Expor publicamente (grupo de família, redes sociais, etc.) configura injúria LGBTQfóbica, além de gerar possível indenização.

ALGUNS EXEMPLOS DE TERMOS PRÓPRIOS SÃO:

Bifobia: descreve a aversão ou a discriminação contra bissexuais.

Lesbofobia: refere-se exclusivamente ao preconceito e a violência contra mulheres lésbicas.

Gayfobia: refere-se exclusivamente ao preconceito e violência contra homens gays.

Transfobia: termo utilizado para classificar atitudes ou sentimentos negativos e/ou violentos contra pessoas trans, o que inclui travestis, transexuais e transgêneros.

CONSEQUÊNCIAS DA LGBTFOBIA

As consequências da LGBTQIAfobia são velhas conhecidas da população LGBTQIA+ no mundo todo. A Mental Health Foundation, instituição de promoção à saúde mental do Reino Unido, afirma que, segundo estatísticas, pessoas homossexuais e transexuais estão mais suscetíveis a doenças psiquiátricas do que heterossexuais. Os motivos? Desigualdades, desvantagens sociais e discriminação.

Pesquisas revelam que membros da comunidade LGBTQIA+ são mais propensos a experimentar uma série de problemas de saúde mental. Depressão, ansiedade, pensamentos suicidas, automutilação e abuso de álcool e substâncias são alguns exemplos recorrentes. Essa prevalência pode ser atribuída a diversos fatores, entre eles discriminação, isolamento e homofobia.

Homossexuais e, sobretudo, transexuais e travestis são frequentemente empurradas para a prostituição. Isso devido à ausência de suporte familiar e da impossibilidade, sustentada pela homofobia, de encontrar empregos formais. Aqui é possível traçar um paralelo com o machismo e a misoginia que permeiam a sociedade brasileira. Para o cidadão médio, quanto mais "afeminada" é a pessoa homossexual, menos dignidade ela merece.

Já as lésbicas, por sua vez, são alvos do chamado "estupro corretivo", inclusive dentro da família. Não são incomuns casos em que os próprios pais, padrastos, tios ou outros familiares do sexo masculino cometem crimes de estupro contra mulheres lésbicas sob a justificativa de que "elas precisam aprender a gostar de homem".

LGBTQIAFOBIA É CRIME NO BRASIL

No Brasil, a LGBTQIAfobia é considerada crime. Em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou a homofobia e a transfobia ao crime de racismo. Com essa decisão, foram estendidas as proteções previstas na Lei nº 7.716/1989, que criminaliza condutas discriminatórias relacionadas à raça, cor, etnia, religião e procedência nacional, para incluir a orientação sexual e a identidade de gênero.

Isso significa que qualquer ato de discriminação, agressão física ou verbal, ofensa, intolerância ou qualquer forma de violência motivada por ódio em razão da orientação sexual ou identidade de gênero passa a ser considerado crime no Brasil. A pena prevista pode variar de um a cinco anos de prisão, dependendo da gravidade da conduta.

Além disso, a decisão do STF também reconheceu a omissão legislativa do Congresso Nacional em aprovar uma lei específica para combater a LGBTQIAfobia. Com isso, até que uma legislação específica seja aprovada, o crime de LGBTQIAfobia é enquadrado como racismo pelos tribunais brasileiros.

É importante destacar que a criminalização da LGBTQIAfobia é um avanço significativo na proteção dos direitos humanos e no combate à discriminação.

ONDE DENUNCIAR A LGBTQIAFOBIA?

Delegacia de Polícia: Você pode registrar um Boletim de Ocorrência em qualquer delegacia de polícia. Procure a delegacia mais próxima de você e relate o incidente de LGBTQIAfobia ocorrido. É importante fornecer o máximo de detalhes possível, como data, hora, local e descrição dos fatos.

Ministério Público: O Ministério Público é responsável por zelar pelo cumprimento das leis e pelos direitos dos cidadãos. Você pode entrar em contato com o Ministério Público Estadual ou Federal e relatar o caso de LGBTQIAfobia. Eles podem abrir investigações e tomar medidas legais para garantir a proteção dos direitos.

Disque 100: O Disque 100 é um serviço do Governo Federal que recebe denúncias de violações de direitos humanos, incluindo casos de LGBTQIAfobia. O atendimento é gratuito, confidencial e funciona 24 horas por dia. Você pode ligar para o Disque 100 e relatar o caso de discriminação ou violência.

Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: A Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos é um órgão vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Ela recebe denúncias de violações de direitos humanos e pode encaminhar os casos para investigação e providências. Você pode entrar em contato por telefone, e-mail ou preenchendo o formulário de denúncia disponível no site.

ONGs e Movimentos LGBTQIA+: Existem várias organizações não governamentais e movimentos sociais que lutam pelos direitos LGBTQIA+ e oferecem apoio a vítimas de LGBTQIAfobia. Eles podem fornecer orientação jurídica, encaminhamento para serviços especializados e auxílio na denúncia. Pesquise por entidades atuantes em sua região.

No seu sindicato: Se você estiver enfrentando LGBTQIAfobia no ambiente de trabalho, é recomendável também procurar o seu sindicato para reportar o caso, que deve ter protocolos e medidas de combate à discriminação no ambiente de trabalho.

É importante lembrar que cada estado ou município pode ter canais específicos para denúncias de LGBTQIAfobia. Verifique se há serviços especializados na sua localidade, como núcleos de defesa dos direitos LGBTQIA+ ou órgãos responsáveis pela promoção da igualdade e combate à discriminação.

DICAS PARA COMBATER A LGBTFOBIA

Educação e Conscientização: Invista em sua própria educação sobre questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade. Procure informações, leia livros, assista a documentários e participe de workshops ou palestras que abordem o tema. Quanto mais conhecimento você adquirir, mais preparado estará para combater a LGBTfobia de maneira eficaz.

Desconstrução de Preconceitos: Questionar e desafiar seus próprios preconceitos é essencial. Reconheça que todos nós fomos socializados em uma sociedade que muitas vezes é homofóbica e transfóbica. Esteja disposto a refletir sobre suas crenças e a desafiar estereótipos e preconceitos arraigados.

Respeito e Empatia: Trate todas as pessoas com respeito, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Pratique a empatia, colocando-se no lugar do outro e tentando compreender suas experiências. Evite fazer piadas ofensivas ou usar linguagem pejorativa.

Combate ao Discurso de Ódio: Não fique em silêncio diante de discursos de ódio ou comentários preconceituosos. Chame a atenção para tais comportamentos e explique por que eles são prejudiciais. Encoraje o diálogo construtivo e promova a igualdade e a inclusão.

Aliança e Apoio: Mostre-se solidário e apoie a comunidade LGBTQIA+. Seja um aliado ativo, defendendo os direitos e a igualdade das pessoas LGBTQIA+ em suas interações pessoais e no ambiente de trabalho. Esteja disposto a ouvir e aprender com as experiências daqueles que enfrentam a LGBTfobia diariamente.

Participação e Engajamento: Engaje-se em ações e movimentos que visam combater a LGBTfobia. Participe de campanhas de conscientização, eventos de visibilidade LGBTQIA+ e apoie organizações que trabalham em prol dos direitos da comunidade.

GLOSSÁRIO BÁSICO



Identidade de Gênero: Refere-se à forma como uma pessoa se identifica em termos de gênero, podendo ser homem, mulher, ambos, nenhum ou uma identidade que não se enquadra nas categorias tradicionais de gênero. A identidade de gênero não está necessariamente ligada ao sexo atribuído no nascimento.

Orientação Sexual: Refere-se ao padrão duradouro de atração emocional, romântica e/ou sexual de uma pessoa em relação a outras pessoas. Alguns exemplos de orientações sexuais incluem heterossexualidade (atração por pessoas do gênero oposto), homossexualidade (atração por pessoas do mesmo gênero) e bissexualidade (atração por pessoas de mais de um gênero).

Diversidade de Gênero: Reconhece que existem muitas formas de expressão e identidades de gênero além das tradicionalmente binárias (homem/mulher). Inclui pessoas que se identificam como não binárias, genderqueer, agênero, entre outras identidades que não se encaixam estritamente nas categorias de homem ou mulher.

Cisgênero: Uma pessoa cisgênero é aquela cuja identidade de gênero está em conformidade com o sexo atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa designada como mulher ao nascer e que se identifica como mulher é considerada cisgênero.

Transgênero: Uma pessoa transgênero é aquela cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa designada como homem ao nascer, mas que se identifica e vive como mulher, é considerada transgênero.

CONCLUSÃO

A Cartilha "Juntas vamos combater a LGBTQIAfobia no serviço público" reafirma o nosso compromisso coletivo de criar um ambiente de trabalho inclusivo, respeitoso e livre de discriminação.

Ao longo deste material, exploramos a importância da conscientização, educação e ação para combater a LGBTQIAfobia. Nestes termos, reafirmamos: A luta contra a LGBTQIAfobia no serviço público é uma responsabilidade coletiva. É nosso dever como servidores públicos.

Encorajamos todos a se tornarem aliados ativos da comunidade LGBTQIA+, se informando, ouvindo, respeitando e defendendo os direitos dessa comunidade. Cada atitude, por menor que seja, contribui para a construção de um serviço público mais justo, inclusivo e livre de discriminação.

Lembramos que a denúncia de casos de LGBTQIAfobia é fundamental. É importante utilizar os canais adequados, como delegacias de polícia, Ministério Público e serviços especializados, para relatar situações de discriminação e violência.

Agradecemos a todos que se envolveram na criação desta cartilha e reforçamos nosso compromisso em continuar lutando por um futuro onde todas as pessoas sejam valorizadas e respeitadas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Viva as LGBTQIA+! Juntas e juntos celebrando a diversidade, quebrando barreiras e construindo um mundo livre!

Coletivo LGBTQIA+ da Confetam/CUT



Fontes: Sistema Único de Assistência Social (SUAS) / Grupo Gay da Bahia (GGB) / Site Fundo Brasil / Site Bicha da Justiça / Site Todxs / Cartilha LGBT CUT / Manual de Comunicação LGBTI+ / Site Observatório do Terceiro Setor / Site Mídia Bixa / Dissertação "Olhares queer sobre o jornalismo: as representações das dissidências sexuais e de gênero no jornal O Povo", de Rafael Mesquita.

REALIZAÇÃO:

CONFETAM
CONFEDERAÇÃO DOS(AS) TRABALHADORES(AS) NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

APOIO:

CUT
BRASIL

PSI
INTERNACIONAL DE
SERVICOS PÚBLICOS



www.

confetam.com.br



@confetam.cut



/confetam



Confetam/CUT

